

# Fazer música/fazer alma

---

**Gustavo Wickert**

**Candidato a analista junguiano pelo IJRS**

*Orientadora: Corina Post*

Estrela, 30 de outubro de 2018

Resumo:

Este artigo propõe uma apreciação simbólica sobre a música. A mitologia grega oferece, a partir do encontro de Hermes e Apolo, uma imagem para se pensar na expressão musical enquanto possibilidade de acesso a importantes aspectos da experiência humana. O autor traça um paralelo entre o *fazer musical*, entendido como vivência da música num nível profundo, e o cultivo da alma.

O presente artigo pretende tecer algumas considerações, a partir da perspectiva da psicologia analítica, acerca das relações entre a música e o cultivo da alma. Utilizarei a expressão *Fazer música* num sentido um pouco diferente do usual. O *fazer* a que me refiro não se limita exclusivamente ao tocar ou cantar, e sim uma disposição interna que nos coloca *em relação com* a música num nível profundo. Ansdell (in Khouri) diz que, quando tocamos ou ouvimos música, somos penetrados pelo seu poder e nos “tornamos música”, pois ela nos dá acesso às mais diversas experiências físicas, emocionais, intelectuais e sociais. (Khouri, 2016)

Costuma-se dizer que a música é uma expressão da alma. Neste artigo pretendo revisitar este “lugar-comum”, de modo a amplificar o fazer musical enquanto imagem metafórica. Pensar a música como um trabalho da alma, gerando possibilidades de conexão com um viver o po-ético, ou seja, em constante movimento criativo.

Alma é um conceito bastante amplo dentro do campo junguiano. Para Jung (2009) ela abrange toda a estrutura psíquica (Ego, sombra, persona, complexos, arquétipos, si-mesmo). Graças a Jung aprendemos também que a alma, este conceito tão aparentemente etéreo, corresponde à mais pura e genuína realidade psíquica.

Na música também encontramos aspectos que nos remetem a uma estrutura. Cada nota musical corresponde a uma frequência vibratória reconhecida pelo ouvido humano. Coube ao homem identificar estas frequências, nomeá-las e organizá-las naquilo que conhecemos como escala musical. Esta sistematização nada mais é que o reconhecimento de padrões sonoros presentes na natureza. O ritmo, outro elemento fundamental na música, também diz respeito a padrões organizados de movimento e pausa inerentes à vida. Fazer música também é, portanto, colocar padrões arquetípicos em movimento de forma criativa.

Música e alma pertencem ao universo das coisas nem puramente físicas nem puramente mentais. Ambas se situam numa zona intermediária. A alma, segundo Jung(2008) se situa como um terceiro lugar entre corpo e mente. Já a música possui uma dimensão física, pois é produzida a partir de vibrações mecânicas que geram ondas sonoras. Por outro lado, ela é, de todas as artes, a menos material e talvez a mais abstrata. Não podemos segurar a música com as mãos, tampouco enxergá-la. Ela é uma das chamadas artes do efêmero. Ao contrário de uma pintura ou de um texto, a

música transcorre num período temporal. Ela não é fixa nem estanque, e sim movimento. *La Donna é móbile*. A música está sempre sendo recriada, toda vez que a executamos, afinal, quem nunca mudou a letra de uma canção?

Mas alma e música são coisas que vão muito além dos conceitos acima citados. O que é música e o que é a alma, ninguém é capaz de definir com exatidão. Só podemos de fato conhecê-las quando as vivenciamos.

### Imagens arquetípicas da música

A música é consagrada, na mitologia grega, ao deus Apolo. Ele é um deus complexo. Conhecedor dos mistérios, portador do novo, guardião das leis de Zeus, não é fácil defini-lo. Por hora cabe colocar que se trata de um deus solar, um símbolo do desenvolvimento da consciência e da sabedoria. O fato de a música ser consagrada a ele já nos dá uma idéia da importância simbólica que a mesma tinha para os antigos.



Mas a música surge tardiamente na história de Apolo, a partir do encontro com seu irmão Hermes, recém nascido:

*(...)Hermes rouba-lhe algumas cabeças de gado, pois tinha muita fome. Apolo vai atrás do irmão caçula, investido de sua autoridade inflexível, querendo fazer valer a lei. Hermes, por sua vez, investido de sua movimentação natural, distrai a atenção do seu irmão com suas diversificadas artimanhas. Primeiramente, toca a lira, por ele mesmo inventada, e canta as qualidades de Apolo, numa condição de reverência que agradaria a qualquer deus. Em seguida espirra no colo do irmão, de modo que os dois caem no chão. Com esta manobra, Hermes coloca Apolo na mesma altura que ele, fator imprescindível para a realização de trocas. O luminoso Apolo ri, diante de tanta astúcia. Agora desprovido de sua soberba, troca o gado pela lira e o caduceu pela flauta, num clima de descontração. Hermes, dessa forma, acorda Apolo para essa dotação. (LOPES, 2010, pg. 242)*

A partir deste momento, Apolo é apresentado às Musas. A palavra Música vem do grego **musikétéchne**, que significa “a arte das musas”. As nove musas, antes de adquirirem cada uma a sua atribuição, eram todas deusas da música. As musas formavam um coro que encantava os deuses. Elas são geralmente representadas portando ou uma flauta ou uma lira. Seus epítetos nos dão uma noção a cerca de seus atributos: “*doadora de prazeres*”, “*bela voz*”, “*amável*”, “*a rodopiante*”, “*a que faz brotar flores*”. Imagens arquetípicas da possibilidade de vivência do prazer estético, musical, corporal. A inspiração musical, decorrência das musas enquanto expressões simbólicas de sua anima acompanhará o deus do tempo novo em todo seu trajeto.

(LOPES, 2010). É através do dom musical, representado pelas musas e pela lira, que se dão as possibilidades de troca. O deus da racionalidade, medida, respeito à lei abre-se para outra dimensão existencial. São as



musas que ensinarão a Apolo a importância da alegria, do prazer e do sentimento. Apolo, o portador do novo, se torna um deus criativo pela via da anima. A atividade criativa envolve o que Roitman (2009) chama de gozo epistemológico, ou seja, o supremo prazer de criar.

Disto podemos pensar que a música está arquetipicamente vinculada à ampliação da consciência. Nesta passagem mitológica ela se apresenta enquanto imagem de uma psique em movimento, acessando novas experiências, sensações e emoções.

Até o momento do encontro com Hermes, Apolo tinha apenas o arco e a flecha como seus instrumentos. A flecha de Apolo é como um raio solar, que ao transpassar as trevas produz conhecimento.(CHEVALIER, 1999) Estamos falando de um certo tipo de consciência. Logos, pensamento. Racionalidade e objetividade.

Já a lira possui outros atributos. Ela também atinge à distância, mas seu alvo é outro. Segundo Lopes (2010), ela atinge o coração, a emoção; meio universal de diálogo entre os homens, capaz de romper fronteiras, unir elementos díspares, transformar em melodias sons dispersos e, assim, acercar-se do que parecia

inatingível. “a lira, como o arco e a flecha, tem o dom de fundir o que está longe com o que está perto”. (LOPES, 2010). Ao conhecer a lira, Apolo descobre outra via para se alcançar o conhecimento. Razão e emoção têm a mesma importância e precisam andar juntos, lado a lado, como bons irmãos.

A lira é um instrumento composto basicamente por uma estrutura em forma de arco, ao qual são amarradas sete cordas. O arco é responsável tanto pela sustentação da tensão das cordas como por fazer ressoar o som produzido pelo tanger das mesmas. A imagem da lira nos ajuda a pensar que o que dá sustentação e equilíbrio é justamente o que não é visível ou tangível, e sim a tensão vibrante de nosso interior. Aliás, o violão, o sucedâneo moderno da lira, guarda dentro de seu braço uma peça que ajuda a manter o instrumento soando bem. Esta peça se chama alma. Quando o som do violão não está bom, basta ajustar a alma para fazê-lo voltar a soar harmonicamente.

Para os gregos, o arco e a flecha eram considerados armas de bárbaros. Apolo era tido como um deus vingativo e violento. O gesto de deixar o arco e a flecha e ficar apenas com a lira expressa a nova natureza de Apolo.

A capacidade de criar o novo, de fazer da vida uma poiesis, se faz presente na atitude de Hermes em relação a Apolo. Pensar o processo de individuação visto enquanto cultivo da alma significa acolher o anseio humano pelo movimento. Homeostase significa a morte da alma. Há um anseio profundo na psique humana pelos espaços intermediários, que nos permitem transitar entre a matéria e o espírito, o pensamento e o sentimento, o corpo e a alma, o racional e o irracional. A música representa essa capacidade de movimento unificador de polaridades. Apolo, através de Hermes, realiza o movimento de encontro com sua sombra, representada por Dioniso. O sentimento de estar perdido no caos é, segundo Jung (1991), a condição *sinequa non* de toda renovação do espírito e da personalidade.

A arte busca o prazer sensorial, o entretenimento. Ela é inútil. É aquilo que fazemos ou apreciamos *depois do trabalho*. Uma sociedade onde os valores apolíneos são exaltados em detrimento do lazer tende a colocar a arte num lugar de desvalor, justamente por estar relacionada ao prazer. Projeta-se no artista um ser ungido pelos deuses, dotado de um dom natural que o exime do trabalho árduo e do esforço

disciplinado. A formiga não faz a mínima idéia da quantidade de horas que a cigarra passa praticando para conseguir cantar e tocar tão lindamente.

Fazer música fala de uma necessidade da alma. Precisamos da música, da poesia e das artes em geral por uma questão de saúde individual e coletiva. Hillmann ressalta que a alma a ser cultivada não é apenas a “minha” alma, encontrada no meu “interior”, mas também a alma do mundo.(QUINTAES, 2018). Por isso entendo ser necessário englobar, nesta reflexão, o momento em que vivemos. Estamos passando por grandes transformações em escala global. Tais transformações geram tensões, conflitos, insegurança. Os pilares que davam sustentação ao modo de viver ocidental estão desmoronando rapidamente diante de nossos olhos. Mudanças ativam medos e resistências. O imaginário coletivo costuma identificar-se, em tempos de crise, com o aspecto normativo de Apolo, ou seja, o apelo à ordem e à interpretação da lei de forma rígida e fria, fechando a porta para outros valores. Tanto a classe artística quanto as manifestações culturais vêm sofrendo tanto com o desinvestimento e como com ataques por setores do campo político e da sociedade. Penso que nestas oportunidades se constela um movimento coletivo no sentido de tentar suprimir a mais livre das atividades humanas. O artista, por dedicar a vida ao mistério da criação, é um ser livre, um indivíduo guiado pelo seu processo interno. Este modo de viver é incômodo numa sociedade cujo conceito de liberdade se resume à opção entre marca de carro e o local das próximas férias. A verdadeira arte transgride. Mesmo que toda a arte seja resultado de uma tradição, ela sempre traz algo novo, algum insight, novas possibilidades de ser e viver. Hermes, ao criar a lira e dar a Apolo, nos ensina sobre a possibilidade de viver mais em função do *ser* do que do *ter*. (LOPES, 2010)

Finalizando, retomo aqui o episódio mítico em que Apolo entra pela primeira vez no Olimpo. Todos os deuses se levantam, impactados pela autoridade emanada por ele. Neste momento, sua mãe Leto se aproxima de Apolo, retira o arco de suas costas e o pendura, deixando-o apenas com a lira. O deus continua exercendo seu poder, não através da força mas sim pelas suas palavras que, simbolizadas pelo som da lira, ganham asas e alcançam o coração das pessoas. Apolo torna-se mais sofisticado e interessante. Sua escolha estética pela beleza, pela vibração rítmica e pelo prazer proporcionados pela música pode ser vista como uma forma de fazer alma e contribuir para o mundo atual.

Bibliografia:

LOPES, Elza Maria. Apolo. in: ALVARENGA, M.Z., *Mitologia Simbólica. Estruturas da psique e regências míticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010

CHEVALIER, J. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999

JUNG, C.G. *Tipos psicológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008

\_\_\_\_\_. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991

\_\_\_\_\_. *A natureza da psique*. Petrópolis: Vozes, 2009

KHOURI, Roger Naji El. *A música no Setting analítico criativo: emoções, símbolos e autorregulação psíquica*. in: Cadernos Junguianos nº12. São Paulo: AJB 2016

QUINTAES, Marcus. *Por uma psicologia com alma e beleza*. Disponível em [www.symbolon.com.br/artigos/porumapsico.htm](http://www.symbolon.com.br/artigos/porumapsico.htm). Acesso em 07/10/18

ROITMAN, Aurea. Fala proferida no curso de Especialização em Clínica Junguiana em 04/2009